

PARA UMA LEITURA TEOLÓGICA DE *CAIM*, DE JOSÉ SARAMAGO

TOWARDS A THEOLOGICAL READING OF *CAIM* OF JOSÉ SARAMAGO

MARCUS AURÉLIO ALVES MARIANO (*)

RESUMO

“Deus” é um tema valioso para o escritor português José Saramago e se encontra presente nas suas numerosas obras. No seu último romance, *Caim*, o autor narra um duelo entre os personagens “deus” e “caim”, provocando o leitor a uma opção por “caim”, bom e honesto, e contra “deus”, irresponsável e arrogante. O duelo se realiza com uma paródia irônica dos episódios bíblicos do Antigo Testamento e não se finaliza com a morte de “deus”, mas com a permanência deste enquanto questão inconclusa e com divinização do ser humano. Propomos, neste artigo, uma leitura do romance *Caim* sob uma óptica teológica, a fim de discutir a imagem de deus que José Saramago apresenta no livro. Saramago se opõe a uma imagem institucional de deus veiculada pelas instituições religiosas milenares, sobretudo judaísmo e cristianismo. Ele propõe uma fé no ser humano sem crenças religiosas ou um deus no humano livre capaz do bem.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago. *Caim*. Deus. Religião. Ateísmo.

ABSTRACT

"God" is a valuable topic for the portuguese writer José Saramago and it is present in his numerous works. In his latest novel "*Caim*", the author narrates a duel between the characters "deus" and "caim", teasing the reader to decide for "caim" good and honest, or "deus" irresponsible and arrogant. The duel happens with an ironic parody of the biblical episodes of the Old Testament and it does not end with the death of "deus", but with the permanence of this as an unfinished question and deification of human beings. It is proposed in this article a reading of the novel "*Caim*" under a theological perspective to discuss god's image that José Saramago presents on the book. Saramago opposes an institutional god's image conveyed by the ancient religious institutions, especially Judaism and Christianity. He proposes a faith in man without religious beliefs or a god in free human capable of good actions.

KEYWORDS: José Saramago. *Caim*. God. Religion. Atheism.

INTRODUÇÃO

A Teologia é a ciência cujo objeto de pesquisa é Deus. No caso específico da Teologia Cristã, tal objeto deve ser pensado a partir da Revelação apresentada nas Escrituras e na Tradição. No entanto, falar “de” ou “sobre” Deus não se restringe à Teologia, mas estende-se a muitas outras ciências e saberes.

(*) Doutorando pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e pela Universidade Católica de Louvain. Bacharel e mestre em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bacharel em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). **Email: irmaomarcus@gmail.com**

A Literatura, enquanto expressão escrita das mais diversas realidades humanas, também põe a questão de Deus e Deus em questão. Diversas obras e autores da história da Literatura universal privilegiaram o tema “Deus”, de forma a oferecer para quem pesquisa Teologia elementos a partir dos quais se vê, no espelho do texto, Aquele que foi revelado e se tornou a matéria para os teólogos. A Literatura não possui censura, nem o rigor do discurso científico, por isso pode expressar-se livremente por meio de diversos gêneros a profundidade do interior humano.

José Saramago assume como propósito a tarefa de refletir sobre a questão de Deus em suas obras (FERRAZ, 2011a; SOUSA, 2012)¹. O mais intrigante de pesquisar esse tema em Saramago é porque o autor milita contra a religião e contra Deus. Contudo, tanto um quanto outro perfazem o tecido da sua obra literária.

Por sua postura deicida e irônica em relação aos temas da fé e da religião, Saramago foi exilado por um período. Sua publicação mais estrondosa foi “O evangelho segundo Jesus Cristo”, em 1991. Esse quinto evangelho parodia e carnaliza os evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) e apresenta uma boa notícia dos homens e para os homens na defesa de humanismo contra a tirania da religião cristã. A ousada escrita incitou a Igreja de Portugal às reações contrárias a Saramago (LOPES, 2010, p. 124-125). O governo português, por meio de Sousa Lara, secretário de Estado e Cultura, vetou a obra de Saramago por ser polêmica e atacar os princípios da religião.

A controvérsia de alguns setores da Igreja contra Saramago chega à censura pública:

Contudo, agora tratava-se de uma censura de caráter inquisitório tornada pública e publicamente justificada a partir do seio do governo em um gesto que fazia lembrar o caso tão polêmico da perseguição dos fundamentalistas islâmicos contra os versos satânicos de Salman Rushdie, pois trazia em si mesma a essência de ato estatal contra a liberdade de criação artística em nome de valores religiosos. (LOPES, 2010, p. 127).

No caso do romance “Caim”, o autor continua sua árdua tarefa de combater Deus, ou sua imagem tradicional apresentada pelas religiões. O duelo já apresentado em outras obras continua nesta obra. Assim, elegemos seu último romance como lugar a partir do qual poderemos pensar teologicamente quem é o Deus de Saramago.

¹ Salma Ferraz percorre cinco romances de José Saramago (“Terra do pecado”; “Memorial do convento”; “História do cerco de Lisboa”; “O evangelho segundo Jesus Cristo”; “Caim”) para apresentar o itinerário da compreensão de Deus que Saramago possui. Ronaldo Souza elenca ainda “Manual de pintura e caligrafia” e “Levantando o chão” para análise do tema.

Para tanto, observaremos como Saramago apresenta, por meio dos episódios dos personagens, uma imagem de Deus e o que tal imagem provoca no leitor. Como se trata de uma paródia do texto bíblico, observaremos as semelhanças e as referências que o autor recorre para elaboração de sua tentativa de matar a Deus a partir de Caim.

Nossa abordagem consiste num diálogo teológico respeitoso com a obra literária, vendo nesta um “lugar teológico”. Conforme apresentado e discutido por Barcellos (2000, p. 27), utilizaremos um paradigma heurístico, investigando a obra literária e priorizando o método teológico. Comentaremos as passagens do romance com atenção aos personagens, aos diálogos e à possível intenção do autor. A imagem de Deus se constrói ao longo da narrativa e, a partir da análise no artigo, desvelaremos uma “*teo-logia*” saramaguiana.

Por fim, concluiremos com o monumento erigido e identificando qual Deus Saramago apresenta a partir dessa obra literária. A proposta humanista do deicida Saramago acaba por revelar o divino no humano ou o humano como lugar divino.

1 “CAIM” DE JOSÉ SARAGAMO¹

A última obra literária de José Saramago, o romance “Caim”, publicado em 2009, apresenta o personagem bíblico Caim em duelo constante com Deus a partir de alguns relatos narrados no Antigo Testamento bíblico.

A clausura de quase meio século de trajetória literária acontece com um tema caro ao escritor: as contradições da relação entre o humano e o divino. A crítica à tradição religiosa, o elo entre narrativa e convicções políticas, o coloquialismo linguístico e a ironia satírica caracterizam o romance em análise (SANTOS, 2013, p. 31-32). O escritor usa o primeiro assassino da humanidade, conforme os relatos bíblicos, para inquirir proposições valiosas da tradição judaico-cristã.

Originalmente, em Gn 4,1-16, Caim é o primogênito do casal Adão e Eva e cultivava o solo, enquanto seu irmão mais moço, Abel, era pastor de rebanhos. Os dois oferecem a Deus um sacrifício dos produtos dos respectivos trabalhos: Caim, a colheita; Abel, a gordura do rebanho. Entretanto, Deus se agrada mais da oferenda de Abel. Então, Caim convida o irmão para sair e o mata. Deus procura por Abel e dialoga com Caim:

“Onde está teu irmão Abel?” Ele respondeu: “não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?” - Que fizeste? Perguntou ele. “Do solo está clamando por mim o sangue do teu irmão! Por isso, agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue do teu irmão que tu derramaste. Quando cultivares o solo, ele te negará

seus frutos e tu virás a ser um fugitivo vagueando sobre a terra”. Caim disse ao Senhor: “Meu castigo é grande demais para que eu possa suportar. Se hoje me expulsas deste chão, devo esconder-me de ti, quando estiver fugindo e vagueando pela terra; quem me encontrar vai matar-me”. Mas o Senhor lhe disse: “Se matarem Caim, ele será vingado sete vezes”. O Senhor pôs um sinal em Caim para que ninguém, ao encontrá-lo, o matasse. (Gn 4,9-14)

José Saramago toma as dores do personagem bíblico Caim no romance e questiona as ações de Deus em relação à humanidade a partir dos seguintes relatos bíblicos: Adão e Eva no paraíso; a oferenda Caim e Abel; Abraão e Isaac; a Torre de Babel; a destruição de Sodoma e Gomorra; Moisés no Sinai; a tomada de Jericó; o sofrimento de Jó e a construção da arca de Noé até o dilúvio.

Caim e Deus se tornam os dois protagonistas do romance que narra a saga de *caim*, a participação dele em todos esses acontecimentos mencionados e o duelo com o *senhor*, também conhecido como *deus*, por causa de suas más ações, atitudes desleais e cruéis².

2 O PARAÍSO INICIAL

O romance começa no jardim do Éden, com *adão* e *eva*, no qual *deus* num acesso de ira dá ao casal língua, a partir da qual os seres humanos podem criar idiomas e se comunicar uns com os outros. *Deus* comunica-se com o casal e os deixa em sua rotina conjugal para gerarem *caim*, *abel* e *set*. Como no relato bíblico (Gn 2-3), o casal recebera a interdição para não comer do fruto proibido, mas desobedecem e comem da maçã. Por esse ato, *deus* volta ao paraíso para reencontrá-los e puni-los. Os dois são expulsos do jardim e habitarão uma terra árida e inóspita. Desde o início, o personagem *deus* possui características humanas: irado, ausente, cego com *adão* e *eva*, irônico e com ações malvadas contra os seres humanos (SARAMAGO, 2009, p. 9-10)³. Os humanos passam a sofrer a sentença de *deus*: fome, sede, desproteção, cansaço, doenças entre outras coisas. “Neste caso, *deus* surge como este repressor que proporciona o ‘mal’ para o casal, primeiro para reprimi-los e, depois, expulsando-os do paraíso” (SILVA, 2012, p. 219). O leitor, desde o início, cria uma antipatia por *deus*.

3 O JULGAMENTO DE DEUS EM “CAIM”

² José Saramago faz uma opção por grafar os nomes próprios com iniciais em minúscula. Assim, manteremos a grafia do autor no nosso texto com o itálico para referir-se aos personagens *caim*, *deus* e os outros. Além disso, Saramago modifica os sinais de pontuação e promove uma maior fluência no texto a ponto de a voz do narrador e dos personagens se confundirem como se perceberá nas citações literais do romance.

³ Sobre a análise psicológica do personagem *deus*: SUMAM, 2012, p. 1-11.

Os personagens *caim* e *abel* são apresentados como os melhores amigos um do outro (SARAMAGO, 2009, p. 32). O divisor dos irmãos é a oferta das primícias do trabalho a *deus*: a oferta de *abel* agradou a *deus* e *caim* levou seu irmão para um vale próximo e o matou a golpes de uma queixada de jumento (SARAMAGO, 2009, p. 34). O culto gerou violência, guerra e separação. Então, *deus* aparece, cheio de pompas como quando expulsou os pais do paraíso, reclama a vida de *abel* e discute com *caim*. A resposta de *caim* responsabiliza *deus* pela morte do irmão:

matei abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devesse carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu, porque matei, poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre (...) (SARAMAGO, 2009, p. 35) ⁴.

No romance, *deus* é culpabilizado pela morte de *abel*. Ademais, *caim* comete o assassinato contra o irmão devido a impossibilidade de matar *deus*. Em seguida, *deus* marca *caim* com um sinal para que ninguém o mate e ainda receberá, igualmente aos pais, um castigo divino: andar errante e perdido no mundo com uma mancha negra sobre a testa como o sinal da condenação. No entanto, *caim*, pelo mesmo sinal que o condena, recebe a proteção e a vigilância de *deus*. Com isso, o leitor é logo advertido: “ao matar abel por não poder matar o senhor, caim deu já sua resposta. Não se augure nada de bom na vida futura deste homem” (SARAMAGO, 2009, p. 37).

3.1 Início da saga

A saga do personagem principal se inicia: ele se envergonha do sinal na testa, sofre procurando abrigo, mente dizendo ser *abel*, até chegar, por indicação de um velho, às terras de *nod*, que significa terra da fuga ou terra dos errantes (SARAMAGO, 2009, p. 45)⁵, onde trabalhou amassando barro. Trabalhando nestas terras, *caim* conhece *lilith*⁶, a rainha ou dona da cidade, e torna-se o melhor amante dela. Ela mandou chamá-lo para sua câmara a fim de satisfazer seus desejos sexuais. Ao chegar, *caim* entra pela porta principal (nenhum segredo em ter amantes), é limpo pelas criadas de *lilith* e fica a sós com a nova dona para que ela o devore:

⁴ Manteremos a mesma pontuação e o mesmo uso de maiúsculas e minúsculas do texto de Saramago.

⁵ De fato, etimologicamente, a palavra hebraica *nad* significa errante. Foi para esta região, segundo o relato bíblico (Gn 4,16), que Caim foi habitar distante do Senhor e aí gerou sua descendência (Gn 4,17-24).

⁶ Tal personagem não aparece nos relatos bíblicos, mas é tomada da mitologia. “Senhora de Nod, esposa de noah. Belíssima e dominada pela luxúria. Costuma retirar operários da construção de seu palácio e promove-os a porteiros da antecâmara de seu quarto (um eufemismo para amante). (...) O prazer que caim desperta em *lilith* também desperta os ciúmes de noah, que planeja matar o amante (porém a tentativa fracassa)”. FERRAZ, 2012b, p. 204.

“porque lilith, quando finalmente abrir as pernas para se deixar penetrar, não estará a entregar-se, mas sim a tratar de devorar o homem a quem disse, Entra” (SARAMAGO, 2009, p. 59).

O amassador de barro promovido a porteiro e a amante preferido da rainha não se cansa, tampouco *lilith* se sacia nas noites e dias sucessivos com *caim*. O marido *noah* toma conhecimento daquele fato. Ele não se importava com os outros amantes devido a sua incapacidade de gerar filhos em *lilith*, no entanto, por ciúmes, quis matar *caim* e *lilith* diante de tantos desejos satisfeitos. Um atentado com os escravos é preparado contra a vida de *caim*, ele se salva por causa da sua marca na testa. Depois disso, *caim* resolve abandonar a cidade e *lilith* para seguir afora montado num jumento. Em meio às desventuras de *caim* e *lilith*, o inimigo de *caim*, *deus*, não é mencionado diretamente. Onde *deus* estaria?

3.2 Com abraão e isaac

As viagens de *caim* não são apenas no espaço, mas também no tempo. Como observa Salma Ferraz: “O romance é um transe alucinógeno entre as paisagens e passagens centrais do Velho Testamento” (FERRAZ, 2012a, p. 221). Deixando *nod*, encontra-se com o jovem *isaac* levado pelo seu pai *abraão* para o sacrifício. Saramago apresenta *deus* com alguém perverso em quem não se deve confiar⁷, pois pede a *abraão* o sacrifício do próprio filho *isaac* (cf. Gn 22, 1-19). O herói *caim* aparece, antes do que o anjo do senhor, no momento exato para segurar a mão de *abraão*, pedir que desate *isaac* e desista das ordens do senhor. O jovem *isaac* então questiona ao pai sobre o que iria sofrer sem a intervenção de *caim*, *abraão* responde:

A ideia foi do senhor, que queria tirar a prova, A prova de quê, Da minha fé, da minha obediência, E que senhor é esse que ordena a um pai que mate seu próprio filho, É o senhor que temos, o senhor dos nossos antepassados, o senhor que já estava quando nascemos, E se esse senhor tivesse um filho, também mandaria matar, perguntou isaac, O futuro dirá, Então o senhor é capaz de tudo, do bom, do mau e do pior (SARAMAGO, 2009, p. 82).

Enfim, *caim* se torna o salvador da vida de *isaac* contra a crueldade de *deus*. De amante da rainha ele passa a ser o herói dos primeiros pais da fé da religião dos judeus. O velho *abraão* deveria acreditar mais em *caim* do que em *deus*.

⁷ “O senhor não é uma pessoa em quem se possa confiar” (SARAMAGO, 2009, p. 78). “O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho, com a maior simplicidade o fez, como quem pede um copo de água quando tem sede, o que significa que era costume seu, e muito arraigado. O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão tivesse mandado o senhor a merda, mas não foi assim”. (SARAMAGO, 2009, p. 79).

3.3 A torre de Babel

Seguindo viagem, *caim* se defronta com uma alta torre, a Torre de Babel (cf. Gn 11,1-9), na qual pessoas falavam e gritavam sem se entenderem. A torre foi construída para atingir os céus, o que desagradou ao ciumento e invejoso *deus*, que, não suportando o êxito dos seus filhos, manda um vento forte para destruir a torre sem deixar pedra sobre pedra, pois o orgulho do *senhor* não consentiu que se terminasse a obra. Saramago conclui o episódio acentuando a dramática relação entre os homens e Deus: “a história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende, nem nós o entendemos a ele” (SARAMAGO, 2009, p. 88).

3.4 Sodoma e Gomorra

Depois, há um novo encontro entre *caim* e *abraão*, desta vez sob sua tenda, que o relato bíblico chama de carvalho de Mambré (cf. Gn 18,1-15)⁸. Além de *caim*, o encontro na tenda de *abraão* era com mais três homens, dentre eles, o *senhor deus* disfarçado de humano e que faz sara rir com a promessa de um filho naquela idade avançada. Em seguida, *abraão* dialoga com *deus* pedindo por Sodoma e Gomorra (Gn 18,16-33), pois seus crimes contra a natureza chegaram a *deus*, o imparcial juiz (SARAMAGO, 2009, p. 92). O velho *abraão* pede a *deus* que não destrua a cidade em consideração aos dez justos que vivem lá, entretanto, *caim* desconfia de que *deus* cumpriria sua palavra. Então, os dois partem para a cidade, chegam à casa de *lot*, hospedam-se, preparam a fuga dos parentes de *abraão* e saem às pressas enquanto as cidades são destruídas pelo *senhor*. A mulher de *lot* olha para trás e se transforma numa estátua de sal, conforme o relato bíblico Gn 19,26, e é punida⁹. O justo *caim* percebe que não tinham inocentes naquelas cidades, mas recorda-se das crianças que foram mortas pela maldade divina: “as crianças, disse caim, aquelas crianças estavam inocentes, Meu deus, murmurou abraão e sua voz foi como um gemido, Sim, será o teu deus, mas não foi o delas” (SARAMAGO, 2009, p. 97).

⁸ Saramago faz *caim* viajar no espaço e no tempo e embaralha propositalmente os relatos bíblicos. Na Bíblia, o episódio agora narrado acontece antes do nascimento de Isaac. No romance, *caim* pergunta a *abraão* por *isaac* e ele responde que só tem o filho *ismael* (cf. SARAMAGO, 2009, p. 89). O personagem *caim* possui uma relativa onipotência e onipresença.

⁹ Saramago aproveita o acontecimento para um juízo sobre deus: “Até hoje ainda ninguém conseguiu compreender por que foi ela castigada desta maneira, quando tão natural é quereremos saber o que se passa nas nossas costas. É possível que o senhor tivesse querido punir a curiosidade como se tratasse de um pecado mortal, mas isso também não abandona muito a favor de sua inteligência” (...). (SARAMAGO, 2009, p. 97).

3.5 No Sinai

De Sodoma *caim* vai ao Sinai e se encontra com uma multidão no sopé do monte, aguardando *moisés* descer do alto, uma referência a Ex 32. Descendo do monte, *moisés* encontra o povo praticando idolatria, adorando um bezerro de ouro que fora construído por eles. Irritado, *moisés* reúne os homens da tribo de Levi e, sob as ordens do *senhor*, mata cerca de três mil homens. Não bastando a crueldade da destruição de Sodoma e Gomorra, *caim* testemunha a maldade de *deus* por inveja de um bezerro de ouro (SARAMAGO, 2009, p. 101). Ao final da matança, o *senhor* ordenou a *moisés* e aos sacerdotes a repartição dos despojos da guerra. Saramago descreve a vergonhosa ação de *deus*: “Agora, o *senhor* esconde-se em colunas de fumo, como se não quisesse que o vissem. Em nossa opinião de simples observadores dos acontecimentos andaré envergonhado por algumas tristes figuras que tem feito, como o caso das inocentes crianças de Sodoma que o fogo divino calcinou” (SARAMAGO, 2009, p. 108).

3.6 Cerco de Jericó

A próxima ação de *caim* será como aliado do exército de *josué* na cidade de *jericó* (Js 6–10). Depois de sete dias dando voltas na cidade, as muralhas caíram e a matança começou. Enquanto isso, o *senhor*, que não estava na coluna de fumo, era uma voz que ressoava nos vales (SARAMAGO, 2009, p. 113). Além de matar, os soldados roubam os mortos e levam consigo os despojos da guerra. Tal fato provoca uma repugnância no justo *caim*, que se põe em macha para deixar a cidade no seu burro. O chefe *josué* vai à tenda para pedir ao *senhor* que pare o sol, mas o desejo do *senhor* é a morte dos amorreus. O sol fica parado para que *josué* vença os amorreus e agrade a *deus*. Além de se deliciar com a guerra e a morte de milhares, *deus* engana aos homens com alguns feitos para alcançar seus objetivos¹⁰.

3.7 Reencontro com *lilith*

O burrico de *caim* o conduz para um novo lugar. Ele reencontra o velho e escuta do velho que *lilith* engravidara e tinha um filho dele. Subitamente, *caim* vai em busca de reencontrar *lilith* e seu filho. Ele conhece *enoch*, seu filho, e visita *lilith*. Os dois reviveram o que sentiam falta por dez anos passados e *caim* a atualiza dos vários episódios de suas andanças e das lastimáveis atitudes divinas:

Não sei se fui escolhido, mas algo sei, sim, algo devo ter aprendido, Quê, Que o nosso *deus*, o criador do céu e da terra, está rematadamente louco, Como te

¹⁰ O personagem *deus* já conhece o heliocentrismo e reconhece não poder parar o sol, mas trama com *josué* fazer o possível para a vitória dele acontecer durante a luz dia para que todos pensem que *deus* parou o sol. Só *deus* e *josué* sabem do segredo (SARAMAGO, 2009, p. 118-121).

atreves a dizer que o senhor está louco, Porque só um louco sem consciência dos seus actos admitiria ser o culpado directo da morte de centenas de milhares de pessoas e comportar-se depois como se nada tivesse sucedido, salvo, afinal, que não se trate de loucura, a involuntária, a autêntica, mas de pura e simples maldade (SARAMAGO, 2009, p. 128).

3.8 Questões à *job*

A próxima cidade que *caim* visita é Us. Ele se encontra com *job*, homem rico, para quem se propõe trabalhar. Na labuta cotidiana, dois anjos aparecem e contam a *caim* que houve uma reunião dos seres celestiais e satã pediu para tentar a fidelidade de *job*, isto é, o *senhor* e *satã* fizeram uma aposta como consta em Jó 1,6-22. A ocasião provoca *caim* a expressar sua indignação contra *deus*: “estou cansado da lengalenga de que os desígnios de deus são inescrutáveis, respondeu *caim*, deus deveria ser transparente e límpido como cristal em lugar desta contínua assombração, deste constante medo, enfim, deus não nos ama” (SARAMAGO, 2009, p. 135). De nada adiantaram os questionamentos de *caim* para os anjos.

Os ataques de *satã* a *job* começaram quando seus filhos estavam à mesa a beber vinho. Um mensageiro após outro trazia notícias de catástrofes nos bens de *job*. Diante daquilo, o servo *job* se prostra reverente e ora a *deus*. Tal fato, causa tremenda indignação em *caim*, pois *satã* dispõe dos sabeus e dos caldeus para serviço de seus interesses e serve-se de um fenômeno natural para fazer o mal contra o fiel *job*. O personagem *satã* se torna o encarregado de executar os trabalhos sujos de *deus*. A aposta foi ganha por *deus*: *job* não o renegou. Montando um jumento, *caim* seguiu para um novo rumo, irritado com a situação do patrão *job* de quem nem se despede.

3.9 O último paraíso

A nova estação de *caim* será um lindo lugar, substituto do édem, onde se depara com a construção de uma grande arca (Gn 6,9-8,22). Diante do grande engenho, *caim* interroga do que se trata, mas *noé* e seus três filhos continuam o trabalho. Então, o *senhor* aparece-lhes pirotecnicamente e *caim*, aborrecido, contrapõe-se ao senhor por seus feitos passados advogando a favor das vítimas humanas. Os dois parecem dois velhos amigos que se encontraram depois de longa separação. O *senhor* ordena a *noé* a ocupação da arca para iniciar a destruição da humanidade.

O andante *caim* retruca a criatividade divina e corrige o lugar da construção da arca. Responde *caim* ao *senhor*:

Os teus cálculos estão errados, um barco deve ser construído junto à água, não num vale rodeado de montanhas, a uma distância enorme do mar, quando está terminando empurra-se para a água e é o próprio mar ou rio, se for esse o caso, que se encarregam de o levantar, talvez não saibas que os barcos flutuam porque todo corpo submerso num fluido experimenta um impulso vertical e para cima igual ao peso do volume do fluido deslocado, é o princípio de Arquimedes (SARAMAGO, 2009, p. 152).

Por causa de *caim*, *deus* mudou os planos de destruir a espécie humana e ordenou aos anjos que ajudassem no término da arca. O *senhor* sumiu e reapareceu para saber da ocupação de *caim*. O obediente *noé* responde que ele já dormira com duas de suas noras e se preparava para dormir com a terceira. Depois, *noé* se ocupa em reunir os animais para a continuidade das espécies.

Enquanto as espécies se preparavam para o dilúvio, *deus* se ocupava solitariamente com o sistema hidráulico do planeta¹¹. Num instante seguinte, a arca deixara o chão, fora suspensa pelos anjos operários, carregada ao ar e levada ao mar. Todos estavam seguros na arca enquanto o dilúvio acontecia. No interior da arca, *noé* ofereceu um sacrifício de agradecimento ao *senhor* e é eleito como o pai da nova humanidade. No decorrer dos dias, algumas mortes ocorrem entre aquela pequena mostra da humanidade, as pessoas diminuem até ficarem apenas duas mulheres, *sem*, *noé* e *caim*¹².

Finalmente a arca toca a terra firme. O *senhor* imediatamente chamou *noé* para que saísse com os animais para repovoarem a terra. Do interior da arca, em vez de sair *noé*, o evocado pelo *senhor*, sai *caim*, pois os outros foram mortos por *caim* e *noé* se suicidou afogando-se. Então, como no início do romance, *deus* pede contas a *caim*: “como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste abel, perguntou o senhor” (SARAMAGO, 2009, p. 172).

O conflito entre *caim* e *deus* parecia chegar ao fim. Os dois inimigos estavam face a face. A humanidade estava destruída pelo dilúvio e restava o assassino *caim*, que pedia o fim de sua vida. Porém, *deus* responde a *caim*: “Não posso, palavra de *deus* não volta atrás, morrerás da tua natural morte da terra abandonada e as aves de

¹¹ “Deus não veio ao bota-fora. Estava ocupado com a revisão do sistema hidráulico do planeta, verificando o estado das válvulas, apertando alguma porca mal ajustada que gotejava onde não devia, provando as diversas redes locais de distribuição, vigiando a pressão dos manómetros, além de uma infinidade de outras grandes e pequenas tarefas, cada uma delas mais importante que a anterior e que ele só, como criador, engenheiro e administrador dos mecanismos universais, estava em condições de levar a bom termo e confirmar como o seu sagrado o.k.” (SARAMAGO, 2009, p. 161). O solitário *deus* não possui amigos, apenas servos. O supremo arquiteto se exclui da companhia alegre dos homens e anjos.

¹² “Das oito pessoas que compunha a família de *noé* só restavam agora, além do próprio patriarca, o seu filho *sem* e a mulher e a viúva de *jefet*” (SARAMAGO, 2009, p.170).

rapina virão devorar-te a carne, Sim, depois de tu primeiro haveres devorado o espírito” (SARAMAGO, 2009, p. 172). Os dois continuaram a discutir e a argumentarem um contra o outro. O romance acaba com os dois em duelo, nem *caim* mata a *deus*, nem *deus* mata *caim*.

O romance trata, do início ao fim, do atrito entre *caim* e *deus*. O personagem principal se torna o juiz de *deus* no enredo. No início e no fim o romance ocorre num paraíso, seja nos primórdios de *adão*, seja na nova criação da humanidade depois do dilúvio. Em vez de aliança entre os dois, uma rivalidade. Os dois assassinos deverão suportar um ao outro sem tirar a vida um do outro.

SARAMAGO: DEICIDA CRENTE

A partir do romance, o duelo entre *caim* e *deus* reflete o confronto de uma mentalidade pós-moderna com as representações de Deus. Por diversos meios, o tema da “morte de Deus” foi proclamado na contemporaneidade e José Saramago foi um dos seus arautos. No entanto, a ideia de Deus permanece na linguagem, na reflexão e no interesse do autor. O personagem *deus* do romance “Caim” mostra o valor que o tema tem para Saramago.

O personagem antagonista do herói *caim* demonstra-se perverso, arrogante, vaidoso, arbitrário, irresponsável, distante, sem misericórdia e que não se importa tanto com o ser humano, agindo malevolamente contra sua criação. Longe das características tradicionais do Deus da fé das religiões, Saramago apresenta uma divindade ausente e concorrente com o ser humano, do qual o ser humano deveria se livrar para não atrapalhar a própria vida e a vida dos seus familiares. O deus de Saramago provoca mais revolta interior do ser humano do que sentimentos de paz, amor e fraternidade; mais atrapalha a humanidade com suas erradas intervenções do que promove o bem entre as pessoas. O leitor é conduzido a uma repugnância ao personagem *deus* e a tomar partido por *caim*, símbolo do humano emancipado, independente de crenças e da divindade.

O personagem *caim* é descrito com simpatia por Saramago. Ele torna-se o advogado das pessoas de bem que sofrem e o herói que as “salva” das cruéis ordens divinas. A revolta de *caim* contra *deus* e as questões postas por ele contra seu antagonista mostram o conflito entre bem e mal e entre deuses e homens. *Caim* é aquele que age corretamente, enquanto *deus* age errado; *caim* é a favor da humanidade, enquanto *deus* contra ela; *caim* é correto, ético e bondoso, enquanto *deus* é incorreto, irresponsável e malvado. Alguém como o personagem *deus* do romance “Caim” desejamos nos livrar e exorcizar da humanidade.

Com toda a pujança de *deus*, *caim* não consegue se libertar do jugo da relação com ele, tampouco Saramago. Os atritos do princípio ao fim do livro demonstram uma tentativa de convencer o leitor da inutilidade de *deus*, de quanto mal *deus* faz a quem acredita nele e de que *caim* é melhor do que *deus*. No entanto, Saramago assume a impossibilidade de se livrar de *deus*. A vontade de matar a Deus fracassou e, nem que seja como uma questão, Deus permanece vivo.

Salma Ferraz, ao contrário, considera que, no romance “Caim”, Saramago vela o cadáver de Deus e depois crema as suas cinzas:

Se ao longo de sua obra, Saramago vai diretamente ou indiretamente cutucando o caráter nada santo de Deus por meio de falas de personagens ou revisitando episódios bíblicos, se n’*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, revela um Jesus humano vítima de Deus cruel, se havia revisitado antes em vários de seus romances episódios do Velho Testamento, em 2009 publica o romance *Caim*, no qual um autor ateu e deícida cria um personagem deícida. Se n’*O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), o autor mata Deus, em *Caim* (2009), ele vela o cadáver de Deus e depois crema suas cinzas. Quase vinte anos separam uma obra da outra (FERRAZ, 2012a, p. 205).

O autor português não se propõe a questionar ou negar a existência de Deus. Ele apresenta uma versão literária de Deus por meio de uma reescrita jocosa, de uma paródia dos episódios bíblicos e da construção de um diálogo intertextual com os textos sagrados (FERRAZ, 2012a, p. 231). Com isso, ele constrói ironicamente uma imagem repugnante de Deus. Para Saramago, Deus existe e é terrível, por isso, não se deve acreditar nem esperar nele. O autor se opõe à imagem tradicional de Deus construída pelas religiões, sobretudo pela religião judaico-cristã. Saramago demonstra ter fé na humanidade emancipada das crenças, no homem correto e ético, na humanidade sacralizada (SOUSA, 2012, p. 189), o que Jaime Sant’anna chama de um “ateísmo ético”¹³.

Saramago possui uma obsessão por Deus, personagem presente em diversas obras, no entanto, com uma implicância com o Deus que ele ouviu falar e passou a odiar. A implicância se deve às experiências de vida do autor com algumas formas históricas do cristianismo e por responsabilizá-lo por violências, intolerâncias e

¹³ “Em suma, percebemos, tanto em *Levantado do chão* quanto no restante do corpus literário escolhido para este estudo, que o pensamento e a indignação de José Saramago eclodem de um forte desejo de justiça e como resposta à avaliação da experiência religiosa ocidental. Ao mesmo tempo em que nega a existência do Deus cristão, Saramago rechaça veementemente toda sorte de injustiças que, antagonicamente, têm sido protagonizadas por uma sociedade que se intitula paradoxalmente cristã. Chamaremos a esta atitude presente na literatura de José Saramago de ‘ateísmo ético’” (SANT’ANNA, 2009, p. 54).

injustiças (SANT'ANA, 2009, p. 43). José Saramago não aceita um Deus onipotente, que intervém no mundo, por isso o enaltecimento do ser humano além da divindade, simbolizado pelo personagem *caim*.

Saramago, em vez de ateu confessante, mais parece um crente anônimo, alguém com um tipo de fé incipiente. Tentando matar Deus, ele destrói uma figura de Deus, representação do poder e de ideologias desumanas, e deseja algo que se possa nomear de Deus, que sacie o desejo por transcendência que faz do ser humano mais humanos. Então, no humano, Saramago encontra a transcendência e *caim* é o profeta da religião do autor português.

O deicídio tentado não se concretiza no romance “Caim”. Há a morte de uma imagem tradicional e dos crentes irresponsáveis, antiéticos e fanáticos. No silêncio da discussão em que se encerra o romance, encontramos o que impulsionou Saramago e sua questão principal: Deus. Saramago apresenta uma transcendência por demais imanente. Deus permanece no humano.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. **Numem**, Juiz de Fora, vol. 3, n. 2, p.9-30, 2000.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu**. 2ª ed. Blumenau: Edifurb, 2012a.

FERRAZ, Salma. Lilith. In: FERRAZ, Salma. **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**. Blumenau: Edifurb, 2012b, p. 204-205.

LOPES, João Marques. **Saramago: biografia**. São Paulo: Leya, 2010.

SANT'ANNA, Jaime. **Em que crêem os que não crêem: o sagrado em José Saramago**. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

SANTOS, José Diego Cirne. **A dialética da desalienação: uma leitura marxista do romance Caim, de José Saramago**. João Pessoa: UFPB, 2013. 173 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

SILVA, Hudson Marques. Configurações do mal no romance *Caim*, de José Saramago. In: MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. **O demoníaco na literatura**. 2012, p. 215-223.

SOUZA, Ronaldo Ventura. **Figurações de Deus nos Romances de Saramago**. São Paulo: USP, 2012. 207 p. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SUMAM, Guilherme. Caim: a psicologia de Deus na obra de José Saramago. **Nau Literária**, Porto Alegre, vol. 8, n. 2, p. 1-11, jul-dez 2012.

Recebido em 12/02/2016
Aprovado em 27/06/2016